

ONDE ANDARÁ DULCE VEIGA? UMA TRAJETÓRIA LABIRÍNTICA

VÉRAS, Márcia Regina da Silva Quintanilha¹; PIVA, Mairim Linck.²

¹Universidade Federal do Rio Grande. márcia.quintaveras@gmail.com; ²Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Letras e Artes. mairimpiva@furg.br

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa “Crítica e imaginário na literatura sul-rio-grandense”, cuja proposta é, primeiramente, levantar e organizar a fortuna de autores sul-rio-grandenses contemporâneos para compor um banco de dados de crítica literária que ofereça suporte teórico para pesquisadores, além disso, são realizados estudos analíticos da prosa ficcional desses autores através da Crítica do Imaginário, na linha de Gilbert Durand. Os pesquisadores vinculados a este projeto já organizaram um material significativo do acervo crítico sobre as obras de Caio Fernando Abreu. Meu trabalho detém-se, especificamente, no levantamento da crítica sobre o romance *Onde andaré Dulce Veiga?*.

Pautada nas leituras da crítica sobre esta obra coletadas até o momento e nas leituras sobre a Teoria do Imaginário na linha de Gilbert Durand, percebi neste romance um vasto universo simbólico, um mosaico de imagens que permeiam a tessitura textual. Segundo Durand, essas imagens literárias formam um conjunto, uma constelação, que se agrupam construindo o sentido do texto. Os estudos da Teoria do Imaginário permitem abstrair as ideias nucleares, reagrupando os símbolos possibilitando o desvelar as suas significações.

No romance, as imagens traduzem a trajetória de iluminação vivenciada pela personagem principal e esta análise faz uma releitura do mito de Teseu no labirinto do Minotauro. Objetiva-se verificar se a obra traduz os passos da aventura do herói apresentadas por Joseph Campbell (2004), como também se objetiva identificar imagens não aparentes que relacionem o espaço urbano da grande metrópole, onde transcorre a narrativa, com a metáfora do labirinto.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho propõe um estudo analítico da obra *Onde andaré Dulce Veiga?* a partir das Teorias do Imaginário na linha de Gilbert Durand, como também a releitura do mito do Minotauro partindo da perspectiva das etapas da jornada heróica de Campbell. Utiliza-se a metodologia dos estudos literários denominada mitocrítica, que considera a complexidade de imagens que compõe uma narrativa, relacionando-as e construindo o universo simbólico da obra.

Esse trabalho de caráter qualitativo vale-se do acervo crítico existente sobre a obra coletado para o banco de dados, como também da leitura do mito do Minotauro, procurando desvelar as semelhanças da trajetória ontológica de busca do

sentido existencial reveladas no universo simbólico do romance com a trajetória mitológica pelo labirinto, evidenciando nesta trajetória as etapas da jornada do herói em Campbell.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A obra romanesca *Onde andará Dulce Veiga?*, do escritor sul-rio-grandense Caio Fernando Abreu, foi editada em 1990. Este romance narra a história de um jornalista desempregado e solitário no início dos anos 80, que em face à crise gerada pela perda de seu amante Pedro. O protagonista encontra-se em profundo vazio existencial isolado do mundo em seu apartamento, quando recebe uma proposta de emprego que enseja na busca pela cantora desaparecida Dulce Veiga. Isso o conduz a uma peregrinação pela cidade de São Paulo e, neste processo, encontra Dulce e a si mesmo. Essa narrativa destaca uma trajetória de busca e iluminação, diante do caos interior e exterior.

O olhar sobre esse romance gravita sobre o tema do homem urbano moderno que se encontra imerso no universo caótico e desorientador da cidade. Diversos autores tratam da experiência urbana como Richard Sennet, Zygmunt Bauman, Marshal Berman, cujas análises descortinam o modo de vida instável e incerto que conduz ao estilhaçamento da identidade.

No romance, o espaço urbano que sugere incertezas e descaminhos pode representar um local de busca em que todas as dificuldades levam à redenção. A cidade incorpora a metáfora do labirinto e o fio condutor que representa o fio de Ariadne no mito de Teseu é a música que guia o herói do começo ao fim da trajetória, reconstruindo suas memórias, ligando presente, passado e futuro. O romance sugere, inicialmente, um tom musical com a afirmação “Eu deveria cantar” (ABREU, 1993, p.11), o que não se efetiva devido a uma perda amorosa. Além disso, a personagem também perde a fé, a esperança. A jornada heroica de iluminação inicia-se o protagonista quando recebe uma proposta de emprego que o leva a um novo limiar, onde acontecem as provas, todas ligadas pela música e interligadas por um só objetivo: encontrar Dulce. Essa ligação temporal-musical traz a presença do tempo mítico da morte e ressurreição. É o fio que liga o homem a seu destino, “é a imagem direta das ligações temporais, da condição humana ligada à consciência do tempo e à maldição da morte.” (DURAND, 1989, p. 77). A aventura termina com a frase: “E eu comecei a cantar” (ABREU, 1993, p. 213).

Na obra, o labirinto aparece de forma explícita na representação da cidade adaptada à leitura do mito do Minotauro e, metaforicamente, no interior da personagem, marcado pelos conflitos perante a sexualidade, identidade e a repressão das memórias. Todas essas formas interligadas constroem a trama semântica do labirinto.

A grande metrópole como labirinto é abstraída no tecido textual através do jogo de imagens contidas nas palavras. O universo caótico urbano impõe às palavras um desprendimento maior, a linguagem que representa esse ambiente não se constrói de forma linear, transitando em vários planos. O excesso de imagens não permite uma linguagem sucinta, figurando a transitoriedade e a desorientação. Como exemplo, apresenta-se a cidade em pedaços, fragmentos: “o ar azedo do bar de jornal, em frente aqueles vidros redondos atulhados de ovos de cascas azuis” (ABREU, 1993, p. 59); “Britadeiras vibravam no prédio em construção em frente ao

Quênia's Bar, ao lado da funerária. Nordestinos quase nus, carrinhos de mão, pedras suspensas nos andaimes, formigas fervilhantes” (ABREU, 1993, p. 81).

A agitação urbana provoca no indivíduo o desconforto e a ansiedade, o 'arquétipo do caos', simbolizando o inferno. Para Durand, o inferno é representado por um lugar caótico, ligada ao esquema de animação acelerada, um local fervilhante (DURAND, 1989).

O labirinto permite o encontro com o Minotauro, que representa a parte que não é aceita, o que causa temor: “É o monstro que cada homem arrasta consigo e enfrenta, [...] paixões e desejos com que cada um se debate” (FERREIRA, 2008, p. 46). Vencer é a prova final da jornada do herói e condição para o ritual final de iluminação. No romance, o beijo dado na figura decrépita de Saul - “a boca dele cheirava mal, os lábios cobertos de partículas purulentas [...] é preciso amar meu nojo mais profundo para que ele me mostre o caminho onde eu serei inteiramente eu” (ABREU, 1993, p. 190) - permite o encontro com sensações passadas e a possibilidade de projetá-las no presente, podendo agora compreendê-las e aceitá-las. O encontro com o Minotauro revela o segredo contido na poltrona de veludo verde, emblemática em toda narrativa, por conter a esperança de algo além, o mapa que leva ao centro do país, à cidade de Estrela do Norte onde o protagonista encontra Dulce.

O centro do país representa, na geografia sagrada, o centro do mundo, o local de transcendência do espaço profano da cidade para uma região pura, rodeada pela natureza, onde se dá o ritual de iluminação.

Nesse local, ocorre o encontro com a Deusa, representada pela figura de Dulce, que propicia um ritual de passagem que leva o protagonista a um processo de purificação, tendo como momento apoteótico um encontro simbólico com a árvore cósmica, em um momento de união com o Uno, de encontro com o divino. É o momento de transcendência em que o herói liberta-se das barreiras do tempo, em que os fragmentos compõem-se em uma unidade e sua identidade é resgatada.

4 CONCLUSÕES

A partir da leitura do romance, percebe-se uma riqueza simbólica, verificada através da análise embasada na Teoria do Imaginário, buscando o universo de imagens que se relacionam, construindo um sentido antropológico para obra. Isso permite a reflexão sobre o homem e sua trajetória através da literatura.

O romance *Onde andaré Dulce Veiga?* traduz os passos da jornada heroica apresentada por Campbell. O protagonista, em sua trajetória pela metrópole São Paulo em busca de Dulce Veiga, passa pelas etapas descritas por Campbell: a partida, o caminho das provas, o encontro com a deusa, a apoteose e a benção última. Todas essas etapas estão presentes na construção da narrativa.

A releitura do mito do Minotauro é possível através do mosaico de imagens presentes no texto que constrói a trama labiríntica do universo urbano moderno, assim como a música funciona como o fio de Ariadne, que auxilia a personagem em sua peregrinação pela *urbs*, ligando presente, passado e futuro, para então conduzir ao fim da jornada de iluminação. O Minotauro é representado pelo universo interior da personagem que se apresenta em conflito com a sexualidade, desprovido de esperança e fé. A busca de Dulce possibilita a imersão no mundo interior, o encontro

como o Minotauro e o enfrentamento de seus maiores temores, possibilitando assim a saída do labirinto e o encontro com Dulce e consigo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Onde andar**á Dulce Veiga? Um romance B. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1988

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRUNEL, *Pierre*. **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 2004.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números . Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Introdução à arquetipologia geral. Lisboa: Presença, 1989.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERREIRA, José Ribeiro. **Labirinto e Minotauro**: mito de ontem e hoje. Fluir Perene. Coimbra, 2008. (www.fluirperene.com/livros/labirinto_e_minotauro.pdf)

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro. São Paulo: Record, 2001.